



Regulações e disrupções entre boato e notícia: percursos metodológicos em torno do caso da Bruxa de Guarujá¹
Regulation and disruption between rumor and news: methodological ways around the case of the Witch of Guarujá

Micael Vier Behs²

Palavras-chave: mediatização; circulação; disrupção.

1. Introdução

O que será apresentado ao longo do texto consiste num descritivo dos percursos metodológicos que sustentam a construção de uma investigação centrada nos processos sócio-midiáticos que colocam em relação atores sociais, instituições e o campo jornalístico, já sugerindo a análise de excertos empíricos. A observação dessas interações possibilita a construção do caso acadêmico em torno da Bruxa de Guarujá. Sugerimos que esse caso foi gestado midiaticamente, em rede, sendo alimentado pela suposta existência de uma sequestradora que raptava e matava crianças na comunidade de Morrinhos, bairro de ocupação recente situado na periferia da cidade de Guarujá, no litoral paulista, Brasil. O desfecho foi o linchamento da dona de casa Fabiane Maria de Jesus, 33 anos, mãe de duas filhas, no dia 3 de maio de 2014.

¹ Trabalho apresentado ao II Seminário Internacional de Pesquisas em Mediatização e Processos Sociais. PPGCC-Unisinos. São Leopoldo, RS – 8 a 12 de abril de 2018.

² Possui graduação em Comunicação Social, habilitação em Jornalismo (2006), e doutorado pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (2016). Atualmente é coordenador dos cursos de Comunicação Digital e do Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades, Artes e Tecnologias na Unisinos. Também atua como professor nos cursos de Jornalismo da Unisinos e da Univates. Desenvolve pesquisa na área da Comunicação, abordando temáticas na interface entre boato, mediatização, sociedade e circulação de informações em rede. micaelvier@gmail.com



II Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

A construção do caso é um processo que relaciona aporte metodológico, inferências criativas e existenciais, analogias circulares, até a definição de questões e proposições. As inferências criativas e existenciais expressam o posicionamento inferencial do pesquisador, como aquilo que lhe é singular. Já as analogias circulares (FERREIRA, 2016b) situam a pesquisa também numa linhagem e grupo de pesquisa. O também, aqui, se refere a necessária fuga da tautologia, pois se isso ocorrer – circularidade entre modelos teóricos e análises empíricas – estaríamos soterrados na ciência-ideologia.

O ponto de partida de nossa percepção é que a morte de Fabiane foi capturada midiaticamente por receptores convertidos em coprodutores midiáticos. Sua história está registrada na enciclopédia colaborativa, baseada na web, Wikipédia³. Ler essa compilação é importante para compreender nossa interpretação.

Uma questão central para o desenvolvimento do texto aqui apresentado vincula-se à intensificação da presença dos meios no tecido social enquanto fenômeno emblemático para se avançar de uma perspectiva comunicacional “transmissivo-midiática comandada por estímulos lineares” (FERRARA, 2015, p. 120) rumo a um paradigma que a situa enquanto metáfora das relações de troca e interação, não livre de defasagens, desvios e bifurcações de sentido mobilizadas pela circulação e funcionamento de discursos gestados em rede (KAEFER, 2016; FERREIRA, 2016b).

Os fenômenos midiáticos permeiam de forma crescente as esferas do tecido social, dando forma a um “bios midiático” (GOMES, 2006) indispensável para que as sociedades modernas possam interagir, se congregar, se contatar e construir noções de realidade. Não há, aqui, idealizações ou utopias. O bios pode ser inclusive

³ https://pt.wikipedia.org/wiki/Linchamento_de_Fabiane_Maria_de_Jesus



II Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

degenerativo, quando as disrupções como a que observamos no caso constituído estão agenciadas por tentativas de regulações técnicas e tecnológicas,

O caso da Bruxa de Guarujá se interpõe como objeto escolhido (FERIGOLO, cit. in. FERREIRA, 2016b), pois é referência de insights diversos sobre a mediação, circulação, em circuitos e ambientes constituídos por dispositivos em rede. Um caso midiático que permitiu vislumbrar um cenário de interações midiáticas complexas, acionado por defasagens, marcado pela constante transferência de informações e competências técnicas entre atores ocupando distintas instâncias enunciativas. Paulatinamente, portanto, o caso da Bruxa de Guarujá pode ser configurado como um complexo caso acadêmico marcado por distintos lugares de fala, bem como por ordenamentos discursivos tentativos que explicitam o caráter coercitivo que pode ser associado ao uso, às práticas e apropriações dos meios.

Esse complexo caso acadêmico mencionado teve seu primeiro insight a partir da leitura do Folha.com, quando este, em seus registros de cotidianidade estipulado pelas políticas de editoração do site, desenvolve estratégias regulatórias a fim de prover inteligibilidade em torno do linchamento da dona de casa Fabiane Maria de Jesus, confundida equivocadamente com uma sequestrada de crianças em decorrência de um boato distribuído em rede. O site se posiciona num esforço que procura reconstituir o acontecimento relatado a partir do resgate de “mídias externas” produzidas por atores sócio-midiáticos que registraram o linchamento *in loco*, assim como por sondagens e testemunhos que procuram evidenciar ao leitor como o linchamento ocorreu (CHARAUDEAU, 2007).

2. A tensão entre disrupção e regulação

Na espacialidade da página Guarujá Alerta na rede social Facebook, responsabilizada pela divulgação do boato que se exasperou de forma trágica, “a palavra circulava livremente, a florava de todos os cantos”, sem qualquer modalidade de censura ou restrição, deixando notório o caráter revelador implícito aos momentos de crise



II Seminário Internacional de Pesquisas em **Midiatização** e Processos Sociais

(DÂMASO, 1974, p. 7). Os múltiplos saberes ali instaurados circulavam de forma descentralizada, sem hierarquias, explicitando a realização tecnológica do intertexto possibilitada pela internet (SODRÉ, 2016). À sua maneira, os fluxos informacionais geridos no contexto da página noticiosa também buscavam elucidar o caso através do acionamento da circulação gerida entre múltiplos atores que, para além de construir inteligibilidade em torno do caso, geraram bifurcações e defasagens de sentido rumo a zonas interpretativas dispersas (KAEFER, 2016), deixando notório a existência de um fluxo circulatório submetido a variadas divergências e descontextualizações.

Por outro lado, o site da Folha resgata a palavra de colunistas e especialistas a fim de elucidar ao leitor o porquê do linchamento, estratégia que remete a um esforço de elucidação do episódio trágico (CHARAUDEAU, 2007). O linchamento, aqui, opera como um divisor, ou seja, uma disrupção na ordem natural das coisas que exige uma tomada de posição do campo jornalístico, visando a ordenação de sentidos em meio à desordem informativa. Nestes termos, explica Dâmaso (1974, p. 7), o “acontecimento selvagem, paroxístico, contraditório, ambivalente, (a crise)”, ao ser midiaticado é, tentativamente, “modelizado e submetido ao código da clareza, da não-contradição, da univocidade”.

Se instala aqui, uma tensão entre disrupção e regulação tentativa, conforme as técnicas jornalísticas (FERREIRA, 2016a). Discute-se a pretensão universalista do jornalismo, em querer se colocar como inteligibilidade social mediadora.

3. Analogias endógenas: para além do dualismo

Desenhados os primeiros indícios e inferências do caso acadêmico, os movimentos de socialização da pesquisa, somados ao processo de orientação, foram cruciais para resolver problemas conceituais, metodológicos e estruturais, permitindo avançar para as perguntas e proposições de base, ancoradas em conceitos e teorias que embasam os trabalhos desenvolvidos pelas epistemologias da midiaticação e seus respectivos interlocutores.



II Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

Em termos de trilha metodológica, o campo de observação permitiu inicialmente destacar a existência de dois casos: um deles circunscrito à órbita da página no Facebook e, outro, ao site jornalístico. Entretanto, já se apresentava um terceiro espaço a ser pensado, ilustrativo dos comentários suscitados na página e no site. A percepção de que havia três casos circunscritos a uma série maior de eventos foi fundamental para a estruturação do caso acadêmico, desenhado na forma de um circuito-ambiente que tensiona as linhas de força produzidas entre o site jornalístico, a página noticiosa e suas respectivas seções de comentários, espaço no qual transparecem sobras não reguladas. Tais “sobras” não evidenciam apenas uma recepção ativa e produtiva, mas materializam expressões do campo receptor que se tornam visíveis na espacialidade digital, tensionando os modos de operar do site jornalístico e da página noticiosa por subverter expectativas e apontar para um cenário de incerteza e indeterminação (FERREIRA, 2016b), característico de uma ambiência comunicacional mídiaizada.

Essa perspectiva, entretanto, tem que ser qualificada. Sem dúvida, tínhamos que considerar indícios preliminares em torno de uma observação ainda incipiente dos materiais empíricos que sustentavam as operações circunscritas a cada um dos três polos que compõem o circuito-ambiente desenhado: o site jornalístico, a página noticiosa, e as suas respectivas seções de comentários. Mas, por outro lado, estávamos tensionados por equívocos potenciais.

Um primeiro equívoco identificado consistia em afirmar a existência de um dualismo cartesiano entre os sistemas que acionam o campo jornalístico e os sistemas da página noticiosa Guarujá Alerta. O risco dessa afirmação consistia em analisar os dois sistemas produtivos de forma absolutamente independentes entre si, no máximo gerando pequenas irritações. Ao longo do processo de construção do caso essa inferência foi revisitada, sendo confrontada ao siqenismo de Peirce ao propor que todos os processos estabelecem elos de continuidade, havendo inclusive uma inevitabilidade de interação entre eles; ou seja, entre a notícia jornalística, a informação em uma página pretensamente informativa materializada na espacialidade do Facebook e os



II Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

comentários dos 'leitores' tanto no site como na página. A proposição de que há vários sistemas em interação evita, também, a proposição de que o jornalismo é o sistema e o resto, ambiente.

Essa fragilidade identificada ao longo desse primeiro movimento de socialização do caso entre os pesquisadores do grupo de pesquisa incidia na formulação de um texto demasiadamente organizado no sentido de atribuir funções absolutamente antagônicas aos sistemas produtivos, situados em pontos extremos que não se contatavam. Em linhas gerais, esse dualismo preconizava que a informação sóbria, coerente e esclarecedora emanava do sistema produtivo jornalístico e que a desinformação e o boato eram atributos da emergência daquilo que, à época, estávamos denominando como “gramática da cultura selvagem”, refletida nas práticas discursivas dos atores sociais quando relegados à condição de cogenitores enunciativos, especialmente na página Guarujá Alerta inscrita ao Facebook.

No entanto, uma análise mais aprofundada dos materiais de caráter empírico que sustentam a pesquisa revelou que uma série de informações atribuídas à “gramática da cultura selvagem” não se traduzia, necessariamente, em boato. Pelo contrário, não raro a informação ali alojada era absolutamente fidedigna e procurava, inclusive, minimizar os efeitos suscitados pela desinformação, como sugere o exemplo reportado na sequência, extraído da página Guarujá Alerta em 2 de maio de 2014, dia anterior ao linchamento de Fabiane Maria de Jesus.

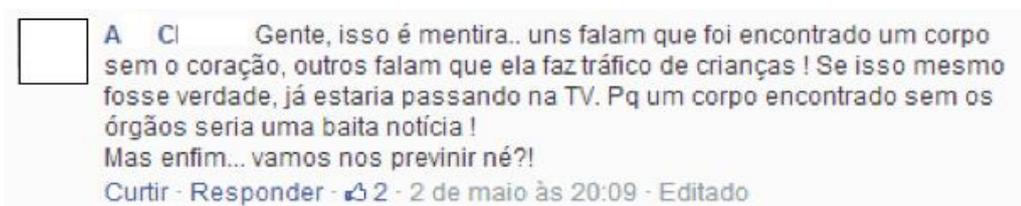


Figura 1. Fonte: Site Guarujá Alerta, acessado em maio de 2014.



II Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

O depoimento atribuído a A.C. é especialmente interessante para se elucidar três problemáticas até aqui levantadas. Primeiramente, a mensagem deixa explícito que o caso da Bruxa de Guarujá trata-se de um boato infundado e, na primeira linha do texto, ela explicita essa convicção: “Gente, isso é mentira...”. A afirmação inicial da internauta deixa explícito que, embora o enredo em torno do caso tenha conduzido à prevalência da ideia de que havia uma sequestradora de crianças no bairro de Morrinhos, em Guarujá, essa convicção definitivamente não era consensual. Parte dos enunciados geridos pelos próprios atores sociais nas seções de comentários da página Guarujá Alerta deixava notório esse permanente tensionamento entre a existência da sequestradora e a negação dessa mesma existência. Ou seja, desfazia-se aqui a inferência inicial de que as lógicas acionadas pelo campo da cultura eram, exclusivamente, transmissora de desinformação.

O que de fato existia era uma justaposição entre dados contraditórios em torno do caso, permanentemente tensionados por circuitos conversacionais; pela emergência constante de informações que retroalimentavam esse circuito; bem como pelas ressignificações de todos esses dados através de interações geridas e protagonizadas em ambientes co-presenciais que, embora distanciados das redes digitais, serviam de insumo para abastecê-las. Há, neste sentido, a formalização de um discurso gerado pelos atores sociais no mundo da vida que acaba adquirindo a dimensão de um discurso de sistema ao ingressar no Facebook e, partir daí, tomar contato com as lógicas midiáticas ali instaladas.

Em segundo lugar, o depoimento de A.C. deixa transparente as interlocuções entre o sistema produtivo jornalístico e o sistema produtivo social. Embora a internauta não faça menção ao objeto jornalístico aqui trabalhado – o site Folha.com –, genericamente ela delega ao meio televisivo a tarefa de legitimar a veracidade do acontecimento. Indiretamente, a internauta anuncia ao coletivo de seguidores da página que, em última instância, quem determina a veracidade ou não dos fatos corriqueiros é a televisão: “Se isso fosse mesmo verdade, já estaria passando na TV”, pontua A.C.



II Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

Essa curta declaração deixa explícito o (re) conhecimento da internauta em relação à estrutura do trabalho jornalístico, ao qual é atribuído a prerrogativa de oferecer sincronização e ordenamento à sociedade. O jornalismo aparece como sistema social de referência, especialmente no sentido de definir a agenda social. Isso também é uma característica forte da midiatização (BRAGA, 2007).

Nos moldes sugeridos por Darnton (2010), ao descrever as rotinas produtivas do jornal *The New York Times*, A.C. tem a clara percepção de que, havendo legitimidade na história da Bruxa de Guarujá, ela “caberia” perfeitamente à estrutura editorial da televisão por enquadrar-se ao rol de acontecimentos dignos de serem noticiados. Uma lógica de reconhecimento, quiçá de hegemonia.

Em terceiro lugar, o relato da internauta sugere resquícios de incerteza e indeterminação. Apesar de sua convicção inicial de que a história da bruxa é falaciosa e de que a veracidade em torno desta narrativa precisaria estar legitimada por sua transmissão televisiva, a última linha da mensagem sugere que, ainda assim, a bruxa poderia, de fato, transfigurar-se num personagem real: “Mas enfim...vamos nos prevenir né?!”, interroga e exclama a internauta.

Referências bibliográficas

BRAGA, José Luiz. *Midiatização como processo interacional de referência*. In: *Imagem, visibilidade e cultura midiática*. Porto Alegre: Sulina, 2007.

CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso das mídias*. São Paulo: Contexto, 2007.

DÂMASO, Romualdo Francisco. *Mito e Antimito em Capinópolis*. In: *Coleção Ordem Des Ordem*. N. 6. 65 p. Belo Horizonte: Universidade Católica de Minas Gerais, 1974.

DARNTON, R. *O beijo de Lamourette: mídia, cultura e revolução*. São Paulo: Companhia de Bolso, 2010.

FERRARA, Lucrécia D’Alessio. *Comunicação, mediações, interações*. São Paulo: Paulus, 2015.



II Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

FERREIRA, Jairo. ADAPTAÇÃO, DISRUPÇÃO E REGULAÇÃO EM DISPOSITIVOS MIDIÁTICOS. *Matrizes* (USP. Impresso), v. 10, p. 135-153, 2016a.

FERREIRA, Jairo. *A construção de casos sobre a mediação e circulação como objetos de pesquisa: das lógicas às analogias para investigar a explosão das defasagens*. *Galáxia* (PUCSP), v. 33, p. 199-213, 2016b.

FERREIRA, Jairo. *O caso como referência do método: possibilidade de integração dialética do silogismo para pensar a pesquisa empírica em comunicação*. In *Texto* (UFRGS. Online), v. 27, p. 161-172, 2012.

GOMES, Pedro Gilberto. *A filosofia e a ética da comunicação na mediação da sociedade*. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2006.

IASBECK, Luiz Carlos A. *Os boatos: além e aquém da notícia – Versões não-autorizadas da realidade*. *Lumina – Facom/UFJF*, jul/dez 2000, p. 11-26.

KAEFER, Cíntia Miguel. *Ser ou não ser racista no caso aranha: Investigação sobre a Propagação, Incerteza e Circulação Midiática*. São Leopoldo: Unisinos, 2016.

KAPFERER, Jean-Noël. *Boatos: o meio de comunicação mais velho do mundo*. Portugal: Publicações Europa-América, LDA, 1987.

SODRÉ, Muniz. Um novo sistema de inteligibilidade. *Questões Transversais – Revista de Epistemologias da Comunicação*, [S.l.], v. 1, n. 1, p. 66-73, jan./jul. 2013. Disponível em: <<http://revistas.unisinos.br/index.php/questoes/article/view/5709>>. Acesso em: 2 nov. 2016.